
FANTASIAS AO REDOR DE UM DISPOSITIVO EXTRAUTERINO

GUSTAVO E. ETKIN

A credito que as atuais diferenças entre as instituições psicanalíticas que se dizem lacanianas se manifestam sob duas formas:

1. A modalidade organizativa de transmissão.
2. O jeito de entender - e tratar - as categorias básicas do discurso de Lacan.

Concordo - nesse sentido - com Oscar Masotta que, de outra maneira, afirmou que os desvios de Freud não foram alheios à modalidade da transmissão de seu discurso.

Assim, a transmissão centrada nos apóstolos - aqueles que, no caso da Psicanálise, esperam ser investidos de transferência porque o viram - pode virar, paradoxalmente, a transmissão de um desvio.

O dilema, a meu ver, é repetir o Pai, ser um porta-voz encarnado num recitado religioso de sua palavra (o que implica virar objeto (a) como suporte de seu Nome), ou a originalidade.

A originalidade implica, por sua vez, a meu juízo, duas alternativas:

1. **A heresia:** por que não posso eu também originar, criar, ser criativo, inventar? É o herói que se levanta contra o Pai. Matá-lo. Onde as características da criação, o valor - ético, axiológico, pragmático, de verdade - do discurso, não interessa. Qualquer coisa contanto que seja nova. Porque nova quer dizer original. Diferente do Pai.

Em última instância, a pretensa novidade do (ou no) discurso é uma racionalização que tenta se apresentar como simbólica para justificar uma briga imaginária contra o Pai. É o Pai da horda que se trata de substituir, repetindo-o. O que, estruturalmente, não é muito original (a comida totêmica tem uma vantagem: ao Pai, se come mas, também, o que não presta, se caga).

2. **O uso:** Lacan diz - se mal não me lembro em R.S.I. ou em Le Sinthome - que ao Pai se pode passar - ir além dele - com a condição de saber usá-lo.

Trata-se, então, de matá-lo ou usá-lo.

Pode-se chegar a Acrópolis, mas como ter certeza, como saber que, para isso não se encarna o Pai, religiosamente, recitando suas fórmulas, nem se mata-o politicamente, senão que só se usa-o e - no possível - bem? Aí, a coragem de arriscar o próprio inconsciente e se animar - logo depois - a descobrir que o que se falou ou escreveu foi talvez - alguma vez - um bom uso do Pai.

Usar o Pai é usar seu Nome. No caso, representado na metáfora de seus nomes: Inconsciente, Sintoma, R.S.I., Sinthome, 4º NÓ, Matemas, Ato, Corte, Significante, Letra.

É uma das maneiras de fazê-lo (pode-se fazê-lo, sabemos, tanto na extensão como na intenção). E também

na escrita onde falamos do que se escreve falando da clínica.

É o que se tenta propiciar com o Lacanoamericano.

Para isso, o que justifica esse encontro, o que o caracteriza, especifica e diferencia de outros congressos e encontros é o Dispositivo.

O Dispositivo, que é, aparentemente, um simples jeito de organização interna das exposições:

- a) Não há presidente de mesa: o último a falar apresenta o seguinte.
- b) A distribuição de espaços e tempo é por sorteio: não há critérios diferenciais baseados em pertencas institucionais, língua, nem nomes mais ou menos conhecidos.
- c) Na inscrição dos trabalhos só consta o título e o nome do autor. Não sua pertença institucional.
- d) O tempo de exposição é igual para todos.
- e) Não há tema pré-estabelecido.

Assim, desse jeito, com essas simples medidas, não se privilegiam as insígnias imaginárias do Pai ostentadas pelos aspirantes e apóstolos.

Com as inevitáveis e estruturais imperfeições dos projetos presididos pela ética do significante e a letra, o Dispositivo é a maneira de favorecer, possibilitar a mostraçã do uso do Nome do Pai. Se possível, até para ir além dele em lugar da ostentação imaginária de suas insígnias. Ostentação que não é contraditória desde que junto com tentar virar uma encarnação substitutiva (o "Lacan me diz...") apareça como desvio, às vezes até oposto à palavra do Pai que se pretende encarnar, por exemplo, na simplorificação "social", o deslizamento

do Real à Realidade, a ontologização do objeto (a), etc. etc.

O Dispositivo do Lacano, então, é um meio, entre outros, de questionar, na prática, uma modalidade de transmissão centralizada nos apóstolos, o que, a meu ver, leva a ter que trabalhar o que penso ser um problema real - até agora de resposta impossível - na história da Psicanálise: o da legitimação. Como, onde e de que jeito, se não há diploma universitário, se legitima um analista, no caso e agora, lacanianano?

Uma maneira a meu juízo errada de criticar o Dispositivo por aqueles a quem tolhe sua vocação apostólica é afirmar - em francês - que é um novo amo e que os que o propiciam são obsessivos. Como se amar ou odiar a letra - a transferênciã à letra - supor-lhe um saber, fosse só coisa de obsessivos que querem despoluí-la de desejo e gozo. Como se só os obsessivos pudessem odiar ou amar as letras de um poema, a prosa de um romance, o fio de uma história. Como tentar-se legitimar-se nas letras de Lacan e Freud fosse próprio de obsessivos. Como se Lacan - aquele histórico que não podia deixar de falar para analistas - tivesse sido um obsessivo.

Tá bem, não somos Lacan. Mas podemos procurar usar as metáforas de seu nome para continuar por caminhos até agora apenas assinalados: a psicose, a sexualidade feminina e, por que não? a psicanálise.

Salvador, 8/1/94
